

MECANISMOS INTERDISCURSIVOS NO CONTO “O SERMÃO DO DIABO” DE MACHADO DE ASSIS

Flávio Sabino Pinto

Doutorando em Língua Portuguesa – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Resumo: O presente artigo tem o propósito de analisar o discurso literário em língua portuguesa, interpretando os mecanismos interdiscursivos do conto “O sermão do Diabo” escrito por Machado de Assis. Ao escrever os discursos literários, o escritor transmite a sua ideologia, de acordo com as regras discursivas que ele estabelece. Neste âmbito entendemos ser notório aprofundarmos o conhecimento sobre a relação entre a linguística e o discurso de acordo com Dominique Maingueneau. Compreendemos, assim, que os discursos político, filosófico e artístico desse autor são construídos visando a torná-los literários e, ao mesmo tempo, argumentativo para a compreensão e adesão do leitor/co-enunciador, principalmente, se considerarmos as marcas de subjetividades produzidas na linguagem.

Palavras-chave: Machado de Assis – “O sermão do Diabo”. “O sermão do Diabo” – Interdiscurso. Machado de Assis – Discurso literário.

Abstract: The present article has the purpose of analyzing the literary speech in Portuguese language, interpreting the mechanisms relationship among speeches of the short story “O sermão do Diabo” written by Machado de Assis. When writing the literary speeches, the writer transmits his ideology, in agreement with the discursive rules that he establishes. In this extent we understood to be well-known deepen the knowledge about the relationship between the linguistics and the speech in agreement with Dominique Maingueneau. We understood, like this, that the speeches politician, philosophical and artistic of that author they are built seeking to turn them literary and, at the same time, argumentative for the understanding and adhesion of the reader, mainly, if we consider the marks of subjectivities produced in the language.

Keywords: Machado de Assis – “O sermão do Diabo”. “O sermão do Diabo” – Relationship among Speeches. Machado de Assis – Literary Speech.

1. Introdução

Segundo Maingueneau (2001), o lugar de onde emerge o discurso é essencial para que o analista tenha condições práticas para observar as condições de produção e os efeitos de sentidos que elas estabelecem. Nesta concepção, entendemos que o lugar onde opera o discurso não está situado no plano textual, mas discursivo, propriamente dito, o que podemos denominar como espaço discursivo.

A busca dos efeitos de sentidos, entretanto, deve considerar a origem e a relação que o discurso estabelece com outros discursos, o interdiscurso. Entendemos, assim, que devemos direcionar os nossos estudos para o primado do interdiscurso, pois, a partir daí torna-se possível apreender como o discurso é construído e, principalmente, observar quais as marcas e mecanismos que configuram as estratégias de adesão.

O espaço discursivo, portanto, é o lugar absoluto da análise, e consideramos que o pesquisador atento deve saber manobrar as suas perspicácias que, a nosso ver, é um lugar de integração de todas as ferramentas necessárias para a consolidação do interdiscurso.

Em nosso artigo, não acataremos a definição de discurso como alocução, fala, homilia, oração, preleção, prédica ou sermão, mas desenvolveremos as concepções discursivas dos estudos de Maingueneau no âmbito da linha francesa.

2. Tendências de Maingueneau sobre a Análise do Discurso

As definições por Maingueneau (1994) revelam as principais disposições que esta disciplina pode contribuir para a análise dos diversos gêneros discursivos. O autor, no primeiro instante, não possuía pretensões teóricas, todavia, por meio de suas análises do discurso do Humanismo Devoto, evidenciou, de certa forma, as ferramentas de análises que podem contribuir para uma observação do texto, como discurso constituinte.

Ao considerar a abrangência da Análise do Discurso, o autor evidencia que esta disciplina ocupou, em alguns aspectos, o campo da filologia e, assim, contribuiu para as interpretações das hermenêuticas modernas, ou seja, mostrou que a Análise do Discurso é uma linha interdisciplinar por excelência.

Além disso, a preocupação em demonstrar que o objeto de estudo da Análise do Discurso é a formação discursiva, aponta-nos para o dado de que o corpus de uma análise é utilizado apenas para exemplificar a teoria, como abordamos no capítulo anterior.

O autor sempre se preocupou em diferenciar a Análise do Discurso de linha francesa, como por exemplo, da Americana, ao relatar que enquanto esta se preocupa em analisar o discurso escrito dentro do quadro institucional doutrinário, a outra se preocupa com o discurso oral nas conversações cotidianas comuns. Assim, Maingueneau trabalha questões discursivas em três importantes momentos:

No primeiro momento, o autor trata o espaço discursivo como uma instituição, ou seja, considera que todo discurso é regido por um lugar social de origem. Nesse âmbito, aproxima-se das concepções pragmáticas para entender as formas de ação que considera o contrato de cooperação entre o enunciador e o enunciatário.

A partir das relações com as concepções pragmáticas e, ainda, sem aprofundar conceitos sobre gênero, afirma que o gênero do discurso pressupõe uma tendência de comunicação e, que todos os elementos que envolvem essa prática como o meio, o momento e o lugar da enunciação e também a ordem estatutário, ou seja, o papel dos co-enunciadores para legitimar o lugar que ocupa no processo enunciativo. Evidencia uma dêixis enunciativa que são as coordenadas espaços-temporais que garantem que o discurso não parte de um sujeito, mas das inter-relações criadas numa cena enunciativa.

Entendemos, então, que considerar as concepções pragmático-discursivas torna possível, sumariamente, o entendimento do *ethos* distante da concepção retórica de argumentação e persuasão embutido no sujeito empírico, mas como uma voz que sustenta o discurso e, ao mesmo tempo, se constrói no interior do mesmo.

No segundo momento, o autor trabalha a heterogeneidade do discurso ao interdiscurso que é tido, atualmente, como um dos principais elementos de estudos no campo da análise do discurso.

Maingueneau inicia a sua consideração observando que a heterogeneidade é a marca principal de todo o discurso e que esta variedade de discursos que se cruzam, a princípio pode ser mostrada ou constitutiva.

O autor observa como a heterogeneidade pode ser construída no discurso, ao utilizar os recursos da polifonia, da pressuposição, da negação, do discurso relatado, do uso das

aspas, do metadiscurso, da parafraseagem, da ironia, da autoridade, provérbios e slogan, da imitação, sem, no entanto, confundir o interdiscurso com os meios o qual é constituído.

Além disso, Maingueneau demonstra a importância em diferenciar os termos universo discursivo, campo discursivo e espaço discursivo, pois são nestes aspectos que o analista deverá atuar a sua apreciação e, a qual, enfatizaremos mais adiante em nossa tese.

No terceiro momento revela as ferramentas que permitem analisar a argumentação e a interação do discurso pelas palavras, ou seja, o recurso do léxico. Para o autor, não existe léxico próprio de um discurso, mas as suas formas de contextualização implicadas em um determinado discurso.

O autor, inclusive, observa o uso do léxico para verificar as suas formas de constituir um tema, ou seja, como o tema se constrói pelo léxico. Observa, também, os conectivos argumentativos que são utilizados como argumentação no discurso e, a princípio, revela o caráter interdiscursivo do discurso.

As tendências imbricadas em Maingueneau reivindicam que a AD é uma disciplina que possui sua própria forma de análise e que vem atender à necessidade de conhecimento do discurso distante de outras concepções linguísticas.

3. Interdiscurso e Semântica Global

Possenti e Baronas (2008) evidenciam que as questões sobre a Análise do Discurso se colocam ao reconhecer com Maingueneau que o interdiscurso é o objeto de estudo que predomina nos estudos atuais da Análise do Discurso.

Ao lado desse enfoque, Maingueneau (2005) traz uma abordagem interdiscursiva apontando para uma tríade (universo, espaço e campo) que evidenciam quais as condições que permitem ao analista estudar o corpus.

No ponto de vista do universo discursivo, o autor indica que é de pouca utilidade para o analista, ou seja, muito amplo e não preenche as condições de análise.

No campo discursivo, a preocupação estava no fato de que apesar da delimitação do corpus, neste âmbito o campo ainda é muito abstrato, havia certas condições que deveriam ser consideradas. Essas diferenças eram basicamente os aspectos do discurso, no sentido de atenuar a condição abstrata e considerar que a análise por campo e as suas características ainda são zonas de estudos que exigem muitos cuidados.

No espaço discursivo, surgiram interesses de que a análise não tivesse marcas de abstração, ou seja, o autor acenava que o discurso deveria ser analisado considerando objetivos e hipóteses aplicadas, Maingueneau já reclamava que é no interior do discurso que a análise torna-se realizável.

Maingueneau, neste momento, já revela certa pretensão teórica em trabalhar o primado do interdiscurso e, também de realizar análises práticas avançando os seus estudos iniciais. Logo, o autor torna-se muito importante para os pesquisadores da língua portuguesa, por que revela um estudo da AD que supera a relação entre a língua e a história.

Entendemos que a abordagem da AD de Maingueneau tende, cada vez mais, ser menos lingüista e menos gramatical e trata os modos de fazer a análise do discurso por uma proposta de semântica global e de considerar o enunciado.

Nesses aspectos relacionados com as procedências do interdiscurso, Maingueneau observa os sistemas de restrições semânticas, o modelo de competência interdiscursiva, a prática discursiva, os elementos intersemióticos e os esquemas de correspondências entre campos à princípio heterônimos, como possibilidade para entender como as relações entre os discursos se realizam.

Diante desse contexto, Maingueneau melhora as considerações de Bakhtin sobre heterogeneidade constitutiva do discurso ao sugerir uma representação metodológica mais específica para entender este fenômeno.

Assim, o autor, de fato, contempla que o analista de discurso possui como material de análise, o próprio discurso como corpus e não a “língua”, que é o campo de atuação dos teóricos linguistas.

Por conseguinte, o autor desenvolve a noção de competência discursiva para entender como ela se impõe nesta disciplina, visto que, por exemplo, esta noção possui várias formas de interpretação em outros campos de atuação.

Mioto (2005), por exemplo, em sua abordagem apoiada na gramática gerativa, denota que a questão da competência é compreendida como capacidade inata do indivíduo inscrito no código genético de produzir infinitas sentenças gramaticais inéditas.

Maingueneau (2007), entretanto, esclarece que a competência deve ser pensada no reconhecimento das formações do espaço discursivo e a aptidão de interpretar enunciados na dimensão interdiscursiva.

Em geral, torna-se necessário entender que a competência é um fato discursivo, incluindo todos os fatores de restrições discursivas, e não uma aptidão genética ou de crença sobre um determinado objeto.

Assim, explicado conceito de competência para a AD, o autor traz uma contribuição importante, emprestada, de certa forma, da lingüística textual, denominada uma semântica global. Segundo o autor, não se deve privilegiar um elemento de análise, ao contrário, para compreender a significância do discurso é importante apreendê-lo em sua globalidade.

Soma-se, ainda, a valorização dos elementos de análise textual, é a notoriedade do discurso, apenas se constituir na materialidade do texto, ou seja, através dele que o analista pode apreender as pistas de análise do discurso. As principais ferramentas importantes para trabalhar o discurso são a intertextualidade, o vocabulário, os temas, o estatuto do enunciatador e do destinatário, a dêixis enunciativa, o modo de enunciação e o modo de coesão.

Na abordagem sobre a polêmica como intercompreensão, Maingueneau (2005) observa, contudo, que assim como todo discurso não escapa da interdiscursividade, a polêmica é elemento criador para que o discurso se constitua na relação com o outro. Nesta relação com o outro, seja de adesão ou de oposição, é que acontece, pontualmente, o processo de interincompreensão das diferentes posições enunciativas.

Observamos com o autor que no espaço da interincompreensão polêmica, o discurso não convence, como sugere os estudos retóricos atuais, mas trabalha as argumentações que, no entanto, são aderidos por aquele que já possui um pré alinhamento para acatar o discurso do outro.

O autor enfatiza, ainda que do discurso à prática discursiva, ou seja, que da passagem de um discurso para o outro acontece modificações em todas as zonas do discurso. Seja no seu estatuto, no modo de enunciação ou na forma do discurso fazer uma vocação enunciativa, o leitor/co-enunciador consciente deve a sua atenção a todos os domínios que regem o interdiscurso.

Em suma, as reflexões sobre o universo, o campo e o espaço discursivo foram importantes para entender o discurso literário não como uma produção estética, mas como a possibilidade de inserção de todos os interdiscursos que envolvem o contexto do discurso, ou seja, os traços semânticos e as competências discursivas que agem na materialização do discurso.

4. Teoria Literária

A partir do século XIX, uma nova concepção começa a surgir com um princípio enraizado no cientificismo, a literatura passa a ser vista como uma ciência.

Os teóricos buscam na obra literária a relação da vida dos escritores com os contextos sociais em que eles publicaram. Neste período, a perspectiva científica contribui, principalmente com as idéias racionalistas evidentes na época, em lançar métodos de análises que seriam importantes para a ciência da literatura.

Todavia, somente a partir do século XX, com o surgimento de escolas como a Neo Crítica americana e o Formalismo Russo, que os estudos literários se firmaram distante das concepções de outras disciplinas como a filosofia e a filologia.

Sabemos que, atualmente, a Teoria Literária avança os seus estudos e não fica apenas na literariedade, na evolução e nos períodos literários, mas, questiona todos esses conceitos como os gêneros, a narratividade, os versos, sons e ritmos e, sobretudo, as influências externas.

Nesse artigo observaremos a teoria e o contexto literário propostos por Coutinho (2004) que aborda os aspectos da literatura brasileira, desde a introdução geral sobre a literatura brasileira, passando pelo panorama renascentista, tratando da língua literária e outras generalidades que apresentam a literatura e a sua importância como instituição. Assim, para atender aos objetivos de nosso trabalho, atentaremos aos tópicos levantados pelo autor, que possam contribuir diretamente com os propósitos da AD.

Sobre a origem da literatura brasileira, Coutinho apresenta as origens e a constituição no decorrer dos séculos até a contemporaneidade. Segundo o autor, a literatura no Brasil iniciou com a colonização portuguesa por volta dos 1500 e com a influência dos jesuítas expressava-se na Gramática, na Retórica e na Poética.

O autor retoma que tanto a literatura portuguesa como a brasileira sofreram influências da literatura medieval, não obstante a portuguesa avançar com maior rapidez as suas técnicas devido aos avanços tecnológicos que imperavam na Europa.

A criação da literatura brasileira, entretanto, está estreitamente vinculada com a condição de colonização do país pelos portugueses. Este fator histórico-social foi predominante para criar uma nova identidade nacional que sofria interações da antiga forma de se pensar com o novo que estava sendo “descoberto”.

Deste modo, acatamos a definição de literatura em Coutinho (2004, p. 132) como uma experiência humana que ela transmite, é o sentimento, é a visão da realidade, tudo aquilo que a literatura não é mais do que a transfiguração, mercê de artifícios artísticos.

O autor acrescenta que, apesar das literaturas brasileira e portuguesa possuírem a mesma língua, o uso que se faz dela é o que o torna diferente, e assim, desde o princípio já se notava as heterogeneidades entre elas.

Ainda, sobre a forma de se classificar a literatura, devemos considerar seus valores literários e natureza estilística, que foram expressas no Brasil e, não considerar o antigo método classificatório em escolas literárias que, aliás, é bastante questionado hoje por conta da concepção historicista de história em que se pauta.

A princípio, o Brasil, não possuía uma literatura específica, mas uma tendência barroca que se atrelava aos primeiros registros que eram introduzidos pelos europeus. As cartas e os documentos que eram redigidos no país informavam as descobertas da nova terra e os registros dos jesuítas possuíam a marca da catequização religiosa católica.

Contudo, todos os documentos e discursos que eram propagados na época quinhentista possuíam múltiplas marcas como, o uso do diálogo, a sobreposição da poesia lírica e da epopéia e o uso das figuras típicas como o paradoxo, contraste, paralelismo, antítese, símile e hipérbole.

Vale apenas salientar que a passagem de um estilo para o outro não significava um rompimento definitivo com o estilo anterior, mas uma miscigenação que permite um processo de transformação de gênero, que de certa forma permite uma mudança de discurso.

A partir do século XVII, sobretudo com a influência do Classicismo Italiano, somado à tendência brasileira de ufanismo nacional e, ao mesmo tempo de oposição aos excessos de redundância barroca, surge o chamado Neoclassicismo. Assim, sem prender a rígidos estilos de épocas as características das obras literárias, neste momento, estão especialmente no que tange aos estilos de linguagem melodiosa, intimismo, valorização da vida pastoril e bucólica.

Mas é a partir do século XVIII que a característica nativista predominante nos textos literários, passa a ter uma propriedade nacionalista pregada no discurso romântico.

O Romantismo, basicamente, passou por quatro momentos, além do pré-romantismo que revelam as suas transitoriedades no que foi essencial para a formação da literatura de identidade nacional.

No chamado pré-romantismo, o lirismo, a oratória, o jornalismo e a história marcam a transição do Arcadismo e Romantismo. A primeira fase pertencente ao grupo fluminense, a poesia lírica já assume alguns aspectos distantes do arcadismo, a segunda fase é a do indianismo, a valorização do elemento heróico nacional, a terceira fase é a do “mal do século” que se expressa pelo individualismo, subjetivismo e Ultra-romantismo, e, enfim a quarta fase que é marcado pelo entusiasmo criador como Castro Alves.

A partir de 1870, sob as influências da reforma filosófica gerada na Europa, a literatura sofre inferências ideológicas dos discursos de cunho científico e intelectual que se desprendia globalmente do Romantismo, formando o Realismo-Naturalismo.

No considerado Realismo ocorreu a inserção dos pensamentos materialista, ou seja, dos elementos não-material que são introduzidos no discurso escrito. O Naturalismo, não obstante, acontecer simultaneamente nesta época, se sobressai pela criação fictícia.

É neste contexto que surgiu a representação culminante da literatura brasileira, o escritor Machado de Assis, que terá seus discursos analisados em nosso artigo.

As escolas posteriores desde o parnasianismo até o modernismo contemporâneo possuem suas próprias tendências e características que denotam que o estudo do discurso literário brasileiro possui seus próprios méritos que devem ser investigados e analisados.

Quanto aos gêneros literários, observamos que os principais meios de divulgação foram a poesia lírica, a epopéia, a ficção (romance e conto), o teatro, a crônica, as memórias e diários, as cartas.

Na formação da literatura brasileira, cada gênero foi-se ampliando e gradativamente, dentro das especificidades de cada um, foram desenvolvendo suas autonomias.

No plano da ficção, o romance e o conto foram os principais gêneros que se desenvolveram, principalmente a partir do romantismo brasileiro que foi a fase inicial da ruptura com a literatura portuguesa.

Assim, aceitamos que dentro do plano discursivo, a ruptura da literatura brasileira da portuguesa já acontecia desde os primeiros registros no quinhentismo porque as circunstâncias de produção e constituição do discurso já tinham como elemento constituinte o fato de ser produzido no Brasil.

A ficção atingiu o grau máximo com o escritor Machado de Assis que representa, ainda hoje, um fenômeno literário da produção brasileira, quanto aos aspectos e técnicas de sua criação discursiva no gênero romance e nos conto.

Não podemos descartar, ainda, a questão sobre a língua literária, que, de certa forma, é o reconhecimento da literatura como uma manifestação verbal da arte e, por isso, produto lingüístico. Ao fazermos um percurso histórico desde os primórdios, observamos que alguns críticos já consideravam que a literatura se construía na língua dos colonizadores, e, ainda, que o próprio Machado de Assis tratou desta questão em seu ensaio “instinto de nacionalidade” onde fez algumas reflexões sobre o tema.

Entretanto, notamos que essas questões de literatura como realização textual e, principalmente, discursiva, só ganhou notoriedade nos estudos contemporâneos, visto que, a princípio, a literatura era analisada de acordo com interesses sociais, estéticos e objetivistas predominantes em cada época.

De fato, a caracterização efetiva de uma literatura nacional é atrelada à reivindicação da consolidação de uma norma lingüística diferenciada da portuguesa. Podemos observar que, à medida que se assume a independência lingüística do Brasil, os críticos sugerem que as obras literárias do país deveriam ter suas próprias características.

No ponto de vista das escolas literárias, essas reivindicações vinham atender aos interesses que predominavam em cada autor. Os três principais momentos de reflexões

da interface língua e literatura ocorreram no Romantismo, no Realismo-Naturalismo, no Modernismo e, principalmente nos movimentos pós-modernismos.

No Romantismo, a preocupação estava no fato de que apesar da língua portuguesa no Brasil ter características do idioma de Portugal, havia diferenças que deveriam ser consideradas. Essas diferenças eram basicamente os aspectos da língua oral, entretanto, José de Alencar e Gonçalves dias, por exemplo, no sentido de atenuar a separação lingüística de ambos os países, considerou que a gramática da língua e as características dos clássicos deveriam ser conservadas.

Na época do Realismo-Naturalismo, surgiram interesses de que a escrita não tivesse marcas da oralidade, ou seja, os autores acenavam que o padrão de Portugal deveria ser aplicado e não consideravam quaisquer modificações de desusos na fala. Todavia, Machado de Assis já reclamava que a língua não podia parar no tempo, e que manter essas características na América não lhe permitia inserir novas riquezas.

A partir do Modernismo, com o intuito de valorizar, ainda mais, a língua nacional, as reflexões sobre a língua falada foram instauradas, como por exemplo, a formulação da Gramatiquinha da fala brasileira, por Mario de Andrade, foram importantes para entender a língua literária não como o ato do bem falar, mas como a possibilidade de inserção de todos os elementos que envolvem o contexto da língua, ou seja, a oralidade, a estética e o contexto.

Como o discurso se constitui na materialidade do texto, entendemos, de certa forma, que interessa para a AD entender como ocorreu a consolidação da Língua Literária Brasileira e o que Coutinho (2004, p. 367) chama afrouxamento da norma gramatical da língua escrita.

Esse redimensionamento pode ser observado considerando, mais recentemente, o contexto histórico, como a queda de Getúlio Vargas, que fez imperar na Assembléia Constituinte uma denominação da língua nacional.

Sendo assim, ainda, a partir de 1960, o enfraquecimento da gramática filológica tendeu para o advento da descrição lingüística que permitiram estudos direcionados para outros contextos mais dinâmicos e operacionais da língua.

Entendemos, assim, que a AD, sob a perspectiva de Maingueneau, trará contribuições no que tange à constituição do discurso literário não como, meramente, uma camada de análise, mas como uma metodologia de análise que não pode ser desconsiderado dentro da realidade lingüístico-discursivo.

Em suma, os avanços da teoria literária permitem-nos observar que a literatura é uma instituição que possui um papel importante na sociedade como transmissora discursiva de ideologias.

5. Análise do Conto

O conto, “O sermão do Diabo”, publicado em *Gazeta de Notícias* no dia 4 de setembro de 1892 e reunido pelo autor em *Páginas recolhidas* em 1900, demonstra as manobras filosóficas do enunciador em lidar com a virtualidade do léxico para denotar a expressão da vida.

O conto faz uma analogia significativa entre o evangelho de Deus e do diabo. No exórdio segundo o Santo Agostinho “a igreja do Diabo imita a igreja de Deus” e, categoricamente, isso realmente se sucede, pois os dois evangelhos possuem semelhanças estruturais. A diferença está basicamente na forma de exploração e exposição do tema abordado.

O enunciador utiliza o sermão do diabo como recurso irônico para abordar as contrariedades da sociedade com efeitos de sentidos que denotam a maldade do ser humano, podemos observar, assim, um jogo de palavras utilizadas fazendo alusão aos enunciados ditos nos evangelhos bíblicos. Se o personagem Deus diz, por exemplo, para amar ao próximo o diabo apregoa para odiar a todos.

Ao se referir às almas católicas, o enunciador assevera que estas não devem se apavorar, pois, as palavras do evangelho do diabo se referem aos hipócritas e àqueles que possuem atitudes contrárias ao evangelho de Jesus Cristo. Assim, o conto realista de Machado de Assis opera no plano humano apesar de usar recursos metafóricos de ordem divinos.

Segundo as condições discursivas do conto, quem ouvir essas palavras ditas pelo diabo será comparado a um homem sábio, pois saberá como viver a sua vida sem engano, o que denota, de certa forma, o caráter filosófico no discurso literário.

A seguir, em suma, o quadro conciso da análise do conto O Sermão do Diabo que considera as ferramentas da semântica global proposta por Maingueneau.

5. 1. Semântica Global no discurso: “O Sermão do Diabo”

5. 1. 1. A intertextualidade

No conto, o enunciador constrói o sermão do diabo na relação com os seguintes discursos:

Sermão da montanha
Almas Católicas
S. Mateus
Santo Agostinho
Igreja de Deus

5. 1. 2. O vocabulário

Para consolidar a ideologia da contradição humana, o enunciador utiliza os seguintes léxicos:

Bem-aventurado
Deus
Diabo
Homens
Galardão
Money market

Polícia
Banco de Londres
Assembléia de acionistas

5. 1. 3. Os temas

A partir da virtualidade do uso do vocabulário, o discurso trata dos seguintes temas:

Hipocrisias
Contradição humana
Egoísmo, etc.

5. 1. 4. O estatuto do enunciador e do destinatário

O enunciador não pertence a nenhuma instituição (não se compromete) a relação de interação entre os co-enunciadores ocorre pelo intertexto (evangelho do diabo).

5. 1. 5. A dêixis enunciativa

O conto se constitui no tempo e no espaço do plano espiritual e material para enfatizar valores humanos.

Tempo: temporal Vs. Atemporal
Espaço: humano Vs. espiritual

5. 1. 6. O modo de enunciação

O enunciador se mostra na enunciação sem se comprometer com a ideologia construída no discurso. O enunciador denota que o problema não está no plano espiritual, mas social.

5. 1. 7. O modo de coesão

O conto se constrói nos modelos dos versículos bíblicos, assim a coerência se constitui na produção de sentidos da oposição dos valores contraditórios da sociedade.

6. Considerações Finais

Pudemos observar que a literatura se apresentou como uma instituição criativa e aberta para a produção de discursos que trabalham temáticas da vida social. Assim, em nosso artigo foi importante observar como o escritor Machado de Assis se posicionou criticamente em seus discursos para divulgar a sua ideologia.

No conto selecionado, o enunciador utilizou figuras do imaginário da religião para construir sentidos morais que circuncidam o homem moderno, visto que em toda e qualquer sociedade organizada, a religião se apresenta como uma das estruturas institucionais importantes constitutivas do sistema social como um todo.

Assim, inferimos que não se podem elaborar conceitos ideológicos sem que se coloquem questões dos valores sociais. As relações entre o conto e as figuras, sejam elas religiosas, políticas, artísticas ou filosóficas tornam o interdiscurso uma estratégia eficaz para construir reflexões.

Aceitamos que estudar os contos nas dimensões discursivas tornou-se possível observar não somente a temática e as posições ideológicas pretendidas, mas a possibilidade de identificar no lingüístico a competência de transmitir sentidos adversos, utilizando figuras do campo semântico-discursivo que se referem ao mundo da literatura.

Em suma, na concepção da Análise do Discurso de linha francesa, estudar os mecanismos interdiscursivos, foram relevantes para entendermos que o gênero conto trabalha muito além das funções fictícias e estilísticas, mas desenvolve temáticas que contribuem no entendimento do homem em determinadas épocas.

Referências

- BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1982.
BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Hucitec, 2003.

- BENVENIESTE, E. *Problemas de Lingüística Geral I*. Campinas: Unicamp, 1988.
- BOSI, A. (Org.) *O conto brasileiro contemporâneo*. São Paulo: Cultrix, 1997.
- COUTINHO, A. *A Literatura no Brasil*. São Paulo: Global, 2004.
- FIORIN, J. L. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 1989.
- FIORIN, J. L. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 1988.
- FIORIN, J. L. *As astúcias da enunciação*. São Paulo: Ática, 2001.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1998.
- MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em Análise do Discurso*. Campinas: Pontes, 1989.
- MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em Análise do Discurso*. Campinas: Pontes, 1994.
- MAINGUENEAU, D. *O contexto da obra literária*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- MAINGUENEAU, D. *Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem*. Campinas: Pontes, 1995.
- MAINGUENEAU, D. *Pragmática para o discurso literário*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- MAINGUENEAU, D. *Termos-chaves da Análise do Discurso*. Belo Horizonte: UFMG, 2000.
- MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- MAINGUENEAU, D. *O contexto da obra literária*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- MAINGUENEAU, D. *Gênese dos discursos*. Curitiba: Criar, 2005.
- MAINGUENEAU, D. *Discurso literário*. São Paulo: Contexto, 2006.
- MIOTO, C. *Manual de Sintaxe*. Florianópolis: Insular, 2005.
- MOISÉS, M. *A criação literária*. São Paulo: Melhoramentos, 1971.
- MOISÉS, M. *Guia prático de análise literária*. São Paulo: Melhoramentos, 1977.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso*. Campinas: Unicamp, 1988.
- PÊCHEUX, M. *Discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 1989.
- POSSENTI, S; BARONAS, L. E. *Contribuições de Dominique Maingueneau para a Análise do Discurso do Brasil*. São Paulo: São Paulo, 2008.
- KOCH, I. V. *A Inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 2003.
- KOCH, I. V. *Desvendando os Segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2003.

Recebido em 31/03/2011
Aprovado em 02/05/2011

ANEXO

O Sermão do Diabo

Machado de Assis

Nem sempre respondo por papéis velhos; mas aqui está um que parece autêntico; e, se o não é, vale pelo texto, que é substancial. É um pedaço do evangelho do Diabo, justamente um sermão da montanha, à maneira de S. Mateus. Não se apavorem as almas católicas. Já Santo Agostinho dizia que “a igreja do Diabo imita a igreja de Deus”. Daí a semelhança entre os dois evangelhos. Lá vai o do Diabo:

1º E vendo o Diabo a grande multidão de povo, subiu a um monte, por nome Corcovado, e, depois de se ter sentado, vieram a ele os seus discípulos.

2º E ele, abrindo a boca, ensinou dizendo as palavras seguintes.

3º Bem-aventurados aqueles que embaçam, porque eles não serão embaçados.

4º Bem-aventurados os afoitos, porque eles possuirão a terra.

5º Bem-aventurados os limpos das algibeiras, porque eles andarão mais leves.

6º Bem-aventurados os que nascem finos, porque eles morrerão grossos.

7º Bem-aventurados sois, quando vos injuriarem e disserem todo o mal, por meu respeito.

8º Folgai e exultai, porque o vosso galardão é copioso na terra.

9º Vós sois o sal do money market. E se o sal perder a força, com que outra coisa se há de salgar?

10º Vós sois a luz do mundo. Não se põe uma vela acesa debaixo de um chapéu, pois assim se perdem o chapéu e a vela.

11º Não julgueis que vim destruir as obras imperfeitas, mas refazer as desfeitas.

12º Não acrediteis em sociedades arrebetadas. Em verdade vos digo que todas se consertam, e se não for com remendo da mesma cor, será com remendo de outra cor.

13º Ouvistes que foi dito aos homens: Amai-vos uns aos outros. Pois eu digo-vos: Comei-vos uns aos outros; melhor é comer que ser comido; o lombo alheio é muito mais nutritivo que o próprio.

14º Também foi dito aos homens: Não matareis a vosso irmão, nem a vosso inimigo, para que não sejais castigados. Eu digo-vos que não é preciso matar a vosso irmão para ganhades o reino da terra; basta arrancar-lhe a última camisa.

15º Assim, se estiveres fazendo as tuas contas, e te lembrar que teu irmão anda meio desconfiado de ti, interrompe as contas, sai de casa, vai ao encontro de teu irmão na rua, restitui-lhe a confiança, e tira-lhe o que ele ainda levar consigo.

16º Igualmente ouvistes que foi dito aos homens: Não jurareis falso, mas cumpri ao Senhor os teus juramentos.

17º Eu, porém, vos digo que não jureis nunca a verdade, porque a verdade nua e crua, além de indecente, é dura de roer; mas jurai sempre e a propósito de tudo, porque os homens foram feitos para crer antes nos que juram falso, do que nos que não juram nada. Se disseres que o sol acabou, todos acenderão velas.

18º Não façais as vossas obras diante de pessoas que possam ir contá-lo à polícia.

19º Quando, pois, quiserdes tapar um buraco, entendei-vos com algum sujeito hábil, que faça treze de cinco e cinco.

20º Não queirais guardar para vós tesouros na terra, onde a ferrugem e a traça os consomem, e de onde os ladrões os tiram e levam.

21º Mas remetei os vossos tesouros para algum banco de Londres, onde a ferrugem, nem a traça os consomem, nem os ladrões os roubam, e onde ireis vê-los no dia do juízo.

22º Não vos fieis uns nos outros. Em verdade vos digo, que cada um de vós é capaz de comer o seu vizinho, e boa cara não quer dizer bom negócio.

23º Vendei gato por lebre, e concessões ordinárias por excelentes, a fim de que a terra se não despovoe das lebres, nem as más concessões pereçam nas vossas mãos.

24º Não queirais julgar para que não sejais julgados; não examineis os papéis do próximo para que ele não examine os vossos, e não resulte irem os dois para a cadeia, quando é melhor não ir nenhum.

25º Não tenhais medo às assembléias de acionistas, e afagai-as de preferência às simples comissões, porque as comissões amam a vanglória e as assembléias as boas palavras.

26º As porcentagens são as primeiras flores do capital; cortai-as logo, para que as outras flores brotem mais viçosas e lindas.

27º Não deis conta das contas passadas, porque passadas são as contas contadas e perpétuas as contas que se não contam.

28º Deixai falar os acionistas prognósticos; uma vez aliviados, assinam de boa vontade.

29º Podeis excepcionalmente amar a um homem que vos arranjou um bom negócio; mas não até o ponto de o não deixar com as cartas na mão, se jogardes juntos.

30º Todo aquele que ouve estas minhas palavras, e as observa, será comparado ao homem sábio, que edificou sobre a rocha e resistiu aos ventos; ao contrário do homem sem consideração, que edificou sobre a areia, e fica a ver navios...

Aqui acaba o manuscrito que me foi trazido pelo próprio Diabo, ou alguém por ele; mas eu creio que era o próprio. Alto, magro, barbícula ao queixo, ar de Mefistófeles. Fiz-lhe uma cruz com os dedos e ele sumiu-se. Apesar de tudo, não respondo pelo papel, nem pelas doutrinas, nem pelos erros de cópia.